



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

## À MEMÓRIA DE DYONÉLIO MACHADO: ALGUMAS DESCOBERTAS ARQUIVÍSTICAS NA BIBLIOTECA NACIONAL



## TO DYONÉLIO MACHADO'S MEMORY: SOME ARCHIVISTIC DISCOVERIES AT THE BRAZILIAN NATIONAL LIBRARY

Jonas Kunzler Moreira Dornelles  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,  
Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 22/06/2021 • APROVADO EM 04/02/2022

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3545>

---

### Resumo

---

A partir de materiais encontrados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, o artigo procura revisitar episódios biográficos e interpretações historiográficas produzidas pela crítica, de maneira a sugerir uma reconfiguração da memória histórica de Dyonélio Machado. Considerando a característica estatística dos materiais preservados no Arquivo Literário Dyonélio Machado (onde se encontra predominantemente rastros materiais do final de sua vida), e o momento em que foram registrados (a chamada “fase de redescoberta”), procuramos problematizar certas representações de Dyonélio como ressentido ou vítima traumatizada. Apontando as contribuições originais presentes nesses novos rastros documentais, e destacando as vozes da memória coletiva que reconheceram a dignidade

de seus projetos existenciais (a política, a literatura, a medicina) e o celebraram, buscamos apresentar elementos para uma memória história que lhe faça justiça. A partir da proposição da divisão historiográfica por décadas, acreditamos ser possível narrar a trajetória do escritor levando em consideração os horizontes disponíveis em cada período, contrariando a fórmula do “olhar retroativo”, que analisa sua biografia tomando os discursos do final da vida como explicação do passado. Há algumas décadas a recepção acadêmica de Dyonélio Machado tem ganhado espaço, com reedições e publicação de inéditos, além do crescente número de teses e dissertações a respeito. Por via de novas representações, como de uma persona pública bem-sucedida ou de um escritor irônico, buscamos confrontar a memória coletiva com seu esquecimento. Indicando ausências e esquecimentos no Arquivo Literário Dyonélio Machado, confrontando-as com os materiais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, buscamos assim oferecer subsídios para o enriquecimento de interpretações a respeito de sua vida e obra.

---

## Abstract

---

Introducing discovered documents, founded in the Hemeroteca of Biblioteca Nacional, the article seeks to revisit biographical episodes and historiographical interpretations produced by critics, in order to suggest a reconfiguration of Dyonelio Machado's historical memory. Considering the statistical characteristic of the materials preserved in the Arquivo Literário Dyonélio Machado (where material traces that came from the end of his life are much more predominant), and the moment in which they were recorded in document (the so-called "rediscovery phase" of his literary career), we tried to problematize certain representations of Dyonélio as resentful or traumatized victim. Pointing out the original contributions presented in new historical traces, and highlighting the voices of collective memory that recognized the dignity of his existential projects (the dedication to politics, literature and medicine), we seek to present elements for a more fair historical memory. Based in a proposition of a historiographical analysis that “slices” his lifetime in decades, we believe it is possible to narrate the writer's trajectory taking into account the horizons available in each period, contrary to a formula that made a historical “retroactive look” and analyzes his biography taking the discourses of the end of life as explanation of the past. Today, the academic reception of Dyonélio Machado has been gaining space, with reprints and publication of unpublished works, in addition to the growing number of theses and dissertations on the subject. Through new representations, such as that of a successful public persona or an ironic writer, we seek to confront the collective memory about its oblivion. By indicating certain absences in the Arquivo Literário Dyonélio Machado, and confronting them with materials from the Hemeroteca of Biblioteca Nacional, we thus seek to offer subsidies for the enrichment of interpretations about his life and work.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Dyonélio Machado. Arquivo literário. Historiografia literária. Literatura sul-riograndense. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

**Keywords:** Dyonélio Machado. Literary archive. Literary historiography. Brazilian southern literature. Brazilian National Library's Hemeroteca.

---

## Texto integral

---

### Introdução

Escritor de vida e obra singular, Dyonélio Machado vem já há algumas décadas consolidando seu espaço na recepção acadêmica. Se nos anos de sua “proscrição literária” seu espaço no campo literário parecia incerto, hoje podemos reconhecer na academia um espaço consolidado de discussão sobre sua produção, expressos no crescente número de artigos, teses e dissertações. O mais interessante no conjunto de pesquisas sobre Dyonélio Machado, encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, é que a exata metade desse conjunto foi produzida fora de seu Estado de origem. Algo que indica o teor nacional da recepção acadêmica do escritor gaúcho.

No Rio Grande do Sul, seu Estado natal, o nome do escritor foi pouco a pouco batizando ruas, escolas, bibliotecas, centros culturais, premiações, grupos de leituras, e hoje não deixa de aparecer na mídia ocasionalmente. Contrariando o silêncio editorial que Dyonélio Machado encontrou em boa parte de sua vida, o escritor tem recebido renovada atenção na última década, com as publicações de *Proscritos* (MACHADO, 2014) e a reedição crítica de *Um pobre homem* (primeira edição em 1927. MACHADO, 2017), e *Fada* (primeira edição em 1982. MACHADO, 2021).

Recentemente, uma obra manuscrita recebeu uma análise detalhada e fixação textual, em *Nos domínios de Terceira vigília: criação literária e edição crítico-genética de romance inédito de Dyonélio Machado* (RAABE, 2020), tese premiada pela Academia Riograndense de Letras em 2021. Tal fixação textual, assim como premiação, apontam para uma futura publicação em formato de livro. O romance manuscrito estudado na tese de Camilo Raabe, *Terceira Vigília*, conclui a “Trilogia dos Flagelantes”, iniciada com *Endiabrados* (1980) e desenvolvida em *Proscritos* (2014), e é o último dos romances inéditos de Dyonélio Machado. Com isso, uma possível publicação, além de apresentar a conclusão da série de intrigas apresentadas nos volumes iniciais, resultará em que finalmente todos romances do autor estejam enfim editados e de alguma forma acessíveis ao público. Algo que, por hora, apenas podemos aguardar.

Pelo conjunto de elementos enumerados, é possível reconhecer um processo de consolidação de Dyonélio Machado, tanto na academia, quanto na memória coletiva, e quem sabe mesmo junto ao mercado editorial. Para seu público e crítica, são oportunidades de reencontro e releitura, e fatos a se comemorar, já que as ameaças que o escritor sofreu em vida, a perseguição política e a dificuldade editorial, parecem ficar pouco a pouco para trás.

Na busca por assegurar justiça para a memória histórica de Dyonélio Machado, é preciso recuperar algumas etapas, considerar como ele tem sido representado na historiografia, e quais são as condições para legitimar certas interpretações históricas. O que leva a consideração epistemológica sobre as fontes de nosso conhecimento e a percepção de que nesse “momento acadêmico” de sua recepção, a escrita de sua história se fundamenta em rastros documentados e testemunhos da memória coletiva. E aqui chegamos à grande questão do arquivo: a grande maioria de trabalhos acadêmicos surgirá apenas depois da reunião de materiais e documentos, no Arquivo Literário Dyonélio Machado (ALDM) em 1986, e será sobre essa base material que essas pesquisas buscarão se fundamentar.

Essa conformação do arquivo é logo seguida de uma interpretação, *Curso e discurso da obra de Dyonélio Machado: uma análise da legitimação* (GRAWUNDER, 1989), dissertação que depois seria editada como *Instituição Literária* (GRAWUNDER, 1997). Nos quase dez anos que vão de 1986 ao centenário do autor, em 1995, temos o momento da inscrição no arquivo, nos quais os materiais são registrados e fazem-se análises que buscam considerar a totalidade de rastros de Dyonélio Machado. No centenário, é possível perceber novos materiais da memória coletiva, vindos de testemunhos e documentos coletados com a dedicação e trabalho coletivo de família, amigos e pesquisadores, que serão disponibilizados em publicações como a do número 10 do *Cadernos Porto e Vírgula* (BARBOSA, 1995), e na edição de *O cheiro de coisa viva* (MACHADO, 1995). Este último, um volume que reúne diversos testemunhos de Dyonélio, junto de seu texto autobiográfico *Memórias de um pobre homem*, e de seu primeiro romance, na época inédito, *O estadista*.

Recuperar a ocasião de inscrição no arquivo é importante, pois nos revela certas características das representações construídas nesse momento, que determinariam a retórica historiográfica posterior. Sem o trabalho de muitos pesquisadores na ocasião do centenário, muitos rastros não haveriam de ser formalizados em documentos, que ao final acabaram também se incorporando no Arquivo Literário Dyonélio Machado, onde já se encontravam materiais que o próprio escritor havia arquivado em vida. Com essa informação destacamos que o arquivo possui vinculação direta com Dyonélio Machado, assim como com os grupos que preservaram parte da memória coletiva a seu respeito.

Após considerar a ocasião de produção de certos materiais póstumos para o arquivo, vindos dos entornos do centenário na década de 1990, devemos agora encarar a estatística do conjunto de materiais presentes ali. A maior parte das trezentas cartas que estão arquivadas no ALDM é do período de “redescoberta” nos anos 1970/1980, sendo que menos de 5% vem das décadas anteriores. Como a maior parte dos documentos arquivados foram inicialmente coletados por Dyonélio Machado, é bem possível que o próprio escritor só tivesse iniciativa de arquivar sua história por meados dos anos 1960.

Podemos considerar o fator de motivação pessoal de arquivamento, ou mesmo fatores como as mudanças de residência ou os episódios de perseguição policial, onde talvez ocorressem extravio ou sequestros de documentos. Mas muito mais do que encontrar uma explicação definitiva para a conformação no Arquivo Literário Dyonélio Machado, há a constatação dessa preponderância estatística, da quantidade de registros vindos das décadas 1970/1980/1990. Característica que também se manifesta nas entrevistas que temos registro de Dyonélio Machado. Em *O cheiro de coisa viva*, são apenas quatro (de um total de dezenove entrevistas) que foram feitas em datas anteriores a essas décadas, mesmo número encontrado em *Com a palavra, Dyonélio* (AGUIAR et. al., 2014). O que se busca é o contraste entre essa desproporção numérica, com o que podemos reconhecer como certa ausência de rastros produzidos nas décadas anteriores, registros que sejam temporalmente mais próximos de certos acontecimentos fundamentais na compreensão da trajetória do autor (não temos diários detalhados ou muitos registros íntimos vindos da época em que ficou preso, por exemplo).

Esse conjunto de considerações é necessário para caracterizar o modo como se configurou a representação póstuma, quando sua memória histórica passou a ser escrita nas universidades. Construída predominantemente com base no material vindo das décadas da “redescoberta” e dos anos finais de sua vida, não parece estranho a ênfase nos temas ligados aos motivos de sua exclusão do mercado editorial, a curiosidade jornalística pela história de sua prisão política no Estado Novo e pela cassação de seu mandato de deputado eleito pelo Partido Comunista Brasileiro.

Com isso, o material que narra as possíveis causas de seu esquecimento foi sendo enfatizado, em contraste com outros pontos fundamentais para compreensão historiográfica. Não encontramos muitas descrições pormenorizadas de sua infância e adolescência, por exemplo, ou ainda de detalhes de sua vida cotidiana antes da publicação de *Os Ratos* em 1935. Podemos definir como “olhar retroativo” essa perspectiva de narração do discurso historiográfico, que narra a história de Dyonélio do final para o começo. Algo que cria uma dificuldade, caso tenhamos um propósito diferente: contar cada momento da trajetória de Dyonélio (as décadas de 1910, 1920 ou 1930, por exemplo) dentro do horizonte de possibilidades específicas de cada contexto. Em cada década havia projetos e desejos específicos não realizados, e não podemos cair na ilusão biográfica de tomar o testemunho do “Dyonélio tardio” como um prospecto objetivo de sua existência em períodos passados.

O problema não é só essa perspectiva retroativa, que se ilude encontrando “determinações históricas”, encadeamentos e causalidades históricas em episódios por vezes desconexos em seu contexto original. Mas é também um resultado, um efeito narrativo, do conjunto de testemunhos que temos de Dyonélio Machado falando sobre seus problemas e desafios existenciais. Com a predominância de materiais vindos da “fase da redescoberta”, os temas da exclusão, da perseguição política, se avolumam em relação a possíveis análises do jogo entre incerteza e sucessos, mudanças, adaptações e só então as consagrações. Ainda que encontremos em sua vida muitos sucessos, validações da memória coletiva que configuram mesmo uma celebração, ou reconhecimentos institucionais, eventualmente se pôde contar sua história enfatizando muitos mais suas infelicidades e desajustes, do que tais elementos positivos ou potenciais de sua vida e obra.

Em nossa investigação encontraremos uma comunidade de agentes que aprovou seus projetos pessoais, que admirou sua literatura ou o louvou como médico, e que mesmo o considerava uma das figuras mais dignas na política regional. Mas por que tal recepção positiva parece ser secundária no discurso historiográfico? Seria possível tomar o caminho de uma rememoração histórica que faça justiça a Dyonélio Machado, contrariando o enfoque da exclusão e do esquecimento? Ou seja, ressaltar o potencial de uma recepção positiva, no valor dado na celebração e através do reconhecimento acadêmico, contrariando a representação do escritor como uma vítima, ressentido ou traumatizado, que se constrói com base nos registros da fase de “redescoberta”<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Segundo o modelo de Maria Helena Albé, depois desenvolvido por Maria Zenilda Grawunder (1997), as fases de legitimação são: a) fase de tentativa (de afirmar-se); b) fase de (pseudo) afirmação; c) fase de marginalização; d) fase de reconhecimento (ALBÉ, 1983, p. 88, 90, 92, 94).

Nesse artigo procuramos ir de encontro a essa proposta, por via de um conjunto de fontes até então dispersas, descobertas apenas recentemente na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Tais materiais manifestam outros contextos que não aqueles tardios, falando de um Dyonélio dos anos 1910, 1920, 1930, 1940, etc. Tais achados trazem evidências documentais de uma legitimação pública de seus projetos pessoais (literatura, política, medicina). Indicam também alguns aspectos esquecidos de seu caráter, que ajudam a constituir novas formas de representação historiográfica.

Nosso trajeto será então de análise de alguns desses indícios e testemunhos, de maneira a disponibilizá-los para incorporação em futuros registros historiográficos, permitindo assim novas representações de Dyonélio Machado a partir dessas fontes.

## 1 A ironia esquecida de Dyonélio Machado: 1910-1920

No período que abarca a década de 1910, época em que Dyonélio Machado se encontra em Porto Alegre estudando para tentar ingresso na faculdade de medicina, encontramos importantes episódios da constituição de seu caráter. É o período em que convive com seus camaradas da “República do Império”, como lembrará:

(...) esses rapazes reuniam-se no meu “quarto”, uma peça pobre de estudante, o tabernáculo da mais sã, da mais efusiva, da mais fluente *verve* que jamais se produziu em Porto Alegre. A nossa fantasia brilhava mais que um archote. Tínhamo-la a toda hora, para todos os gostos, para todas as ocasiões. Praticávamos o trocadilho, a sátira, *fazíamos blague*, coisa nova que inventávamos para o nosso uso e que consistia numa estranha mistura de trocadilhos, anedotas, versos alexandrinos, cafezinhos e caricaturas. Líamos muito e cultuávamos o banho diário e o asseio das unhas (MACHADO, 1919a, p. 13).

Alguns dos registros dessa época podem ser encontrados na revista *A Máscara*, em que Dyonélio Machado escrevia crônicas sob o pseudônimo de Bjovulf. A citação é importante, pois registra um cultivo das mais diversas modalidades de ironia por parte do grupo, naquilo que seria “fazer blague”. Alguns exemplos dessa ironia são encontrados em textos dessa época, como uma crônica sua, publicada em 30 de junho de 1915 do jornal *Gazeta Alegretense* (MACHADO, 1915), ou em seus primeiros textos literários, como *O Estadista* (MACHADO, 1995), escrito entre 1926 e 1927, e *Um pobre homem* de 1927.

Esses textos apresentam a “mocidade” de Dyonélio, e não devem ser subestimados na compreensão de seu caráter, que se divertia com paradoxos e ambiguidades. Quando reforçamos a faceta das rejeições e esquecimentos (numa perspectiva de vítima ou ressentido), não consideramos a *verve* satírica que sempre foi característica de seu estilo, e que era bastante forte nessa fase inicial, quando ainda ingressa no sistema literário. Se tomarmos o tema da ironia como chave de interpretação de sua obra, encontramos uma série de revelações esclarecedoras. Uma descrição fornecida por Érico Veríssimo parece descrever bem o caráter irônico de Dyonélio nessa fase:

Achava-o uma personalidade excepcional, rica de matizes e contrastes. Se você me permite uma simplificação quase maniqueísta, eu diria que os traços mais marcantes do seu caráter apareciam-lhe no rosto. Se a boca, agressiva e áspera, era de ogro, os olhos, dum puro azul cobalto, eram de anjo. O comportamento de Dyonélio parecia oscilar entre esses dois poderosos polos magnéticos (VERÍSSIMO in: MACHADO, 2017, p. 276).

São esses dois extremos em simultâneo, anjo e ogro (hoje diríamos *troll*, para associar com a pegadinha da “trollada”), que definem essa esquecida face irônica de Dyonélio. Podemos avançar nessa mistura de contrastes, com dois registros dessa época. Primeiro, sua autoidentificação como burguês: “Mas, você quer saber? Eu, também, por meu lado, me ajeitei à vida corrente, e vi também, como você, que as mulheres são os fantasmas do bem e que é uma dádiva sem igual viver-se, como agora vivo, uma vida burguesa, metódica e resignada” (MACHADO, 1919a, p. 14). A esse manifesto por uma vida burguesa, oponhamos outra, publicada logo em seguida da primeira e quase quinze anos antes de seu ingresso no Partido Comunista Brasileiro: “O bolshevismo é um perigo e talvez um bem. – E quem sabe se eu, que estou aqui a tecer-lhe impropérios também, não comungo no fundo com essas mesmas ideias que ele prega e não sou, malgrado a minha bazófia, um puro e inofensivo bolshevikis!” (MACHADO, 1919b, p. 11).

No contraste entre ambas as imagens vindas do ano de 1919 (há bem um século atrás), temos uma primeira indicação dessa ironia esquecida. Avançando um pouco no tempo, em meados dos anos 1920 encontramos um registro que parece dar conta da reputação que Dyonélio parece gozar nesse período, da qual ele parecia se comprazer<sup>2</sup>. É o poema de Augusto Carvalho, na edição de 12 de setembro de 1925 do jornal *A Federação* (CARVALHO, 1925, p. 3):

BANDIDO  
*Para Dyonélio Machado*

Esculpturada em bronze a atlética figura-  
O olhar baixo e feroz, a fronte fugidia,  
O mento poderoso, a boca larga e escura-  
O instinto sanguinário em tudo denuncia...

Personagem atroz de uma tragédia obscura,  
A legenda aumentou-lhe a fama e a valentia...  
Insensível ao pranto, à alheia desventura,  
Na degola encontrou a suprema alegria...

Virtuose do crime, artista negro e horrendo,  
Com requintes brutais na prática selvagem,  
Marcou-lhe cada passo uma cabeça exangue...

<sup>2</sup> “Sádico? Ora, quem iria esperar de mim, um pobre homem, uma coisa – o sadismo – que eu, como profissional, tenho e proclamo como uma qualidade positiva, confundindo-se soberbamente com Personalidade?” (MACHADO, 1995, p. 90).

Na história há-de ficar num símbolo tremendo:  
Faca em punho, triunfal, em meio a carnagem,  
Ébrio de tanto sangue, a reclamar mais sangue...

Em contraste com a imagem de vítima de boicotes, da personagem sofrida pelo trauma das prisões, temos essa curiosa faceta irônica de um “Dyonélio sádico”, algo que parece remeter ao tema de pesquisa de sua especialização acadêmica, o crime. De Souza Júnior, situando-o entre os maiores escritores do Estado, o define brincalhonamente como uma “palmatória carrancuda a fazer carícias” (CONFRATERNIZAÇÃO, 1926, p. 1), o que indica novamente uma mistura de polos e certa ambiguidade. Essa característica dos anos iniciais, em que é apresentado como sujeito irônico, se fará presente mesmo em suas entrevistas nas décadas 1970/1980. E é através da ironia que encontramos, mais que uma vítima de boicotes, censuras e perseguições, o criador de uma literatura rica de ambivalências e potenciais leituras.

## 2 Dyonélio Machado como figura pública bem-sucedida: 1930-1950

Na busca de uma interpretação historiográfica que também afirme os sucessos de Dyonélio Machado, um caminho bastante seguro é o imenso reconhecimento que recebeu por sua atuação enquanto médico. Ao contrário de sua atuação política e de seu projeto literário, que foram rejeitados por certos grupos, sua carreira na medicina representa uma trajetória de sucesso. De um dos introdutores da teoria psicanalítica no Brasil a diretor do maior hospital psiquiátrico do sul do país, são muitos os indicativos de seu êxito nessa área de atuação.

Ainda nos primórdios de sua trajetória na década de 1920, podemos indicar que quando da realização o curso de medicina entre os anos 1924 e 1929, sempre tirava notas acima de 8 em todas as matérias (cf. TILL, 1995, p. 81-84). No quinto ano do curso, já próximo de sua conclusão, prestaria concurso para médico do Hospital São Pedro, passando em primeiro lugar, o que lhe garante a nomeação. Vai então ao Rio de Janeiro cursar uma especialização em psiquiatria. É então que podemos encontrar algumas evidências de sua trajetória pública como profissional da medicina, nos registros do *Archivos brasileiros de neuriatria e psiquiatria* (1931) desse período.

Essa que é uma das primeiras revistas acadêmicas do país registra sua atuação como médico auxiliar na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, grupo que é considerado a primeira sociedade brasileira especialista em medicina mental (CERQUEIRA, 2016). É possível encontrar o nome de Dyonélio Machado em vários desses registros, realizando procedimentos experimentais com os grandes cientistas da época, enquanto cursa uma especialização que lhe oferece uma rara oportunidade profissional, já que a universidade brasileira ainda dava seus primeiros passos, e havia poucos especialistas na área.

Retornando para Porto Alegre em 1932, publicaria a tradução de *Elementos de Psicanálise*, de Eduardo Weiss, pela Editora do Globo (1934). Essa obra é conhecida por ser uma das responsáveis por introduzir a teoria psicanalítica no Estado. Somado à especialização feita em uma época em que poucos médicos

tinham acesso, o recurso a explicações psicanalíticas no tratamento clínico (ainda que não fosse psicanalista propriamente dito) faz de Dyonélio um desbravador da área no Rio Grande do Sul.

Temos um indicativo do reconhecimento profissional no reconhecimento que a comunidade médica lhe presta, em um episódio esquecido de sua prisão em 1935. Será o apoio do Sindicato Médico, ao qual se tinha apenas a seguinte informação, do *Correio do Povo* de 19 de julho de 1935: “Nos comunicamos imediatamente, pelo telefone, com um membro da entidade sindical da classe médica rio-grandense que nos informou ser de todo infundada a notícia de que o Sindicato médico pretendia se reunir para tratar da prisão de seu associado Dr. Dyonélio” (GRAWUNDER, 1997, p. 60).

A falta de documentação contrária a essa negativa se refletiu na historiografia e na memória coletiva: “Lembramos muito bem que o Sindicato Médico, por razões um tanto injustificáveis, não movera uma peninha em favor do associado Dyonélio Tubino Machado, quando a polícia gaúcha, cumprindo ordens superiores, o trancafiara no xilindró” (TILL, 1995, p. 141).

No entanto, a partir de documentos da Biblioteca Nacional podemos indicar que a referida notícia foi veiculada nas semanas imediatas a sua prisão. Nos meses seguintes haveria uma campanha que ganha espaço de destaque nos meios de comunicação, e podemos encontrar seu registro em sucessivas edições do jornal *A Manhã*, publicadas ao longo dos meses de sua primeira prisão, ainda no Rio Grande do Sul.

Um autointitulado Comitê Pró Liberdade de Dyonélio Machado é organizado por membros da classe trabalhadora e terá apoio da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e de médicos da Assistência Municipal. Algumas de suas reuniões se darão no Sindicato dos Médicos e buscavam oferecer um grupo de advogados para tratar do caso, assim como ocupar a esfera pública através dos jornais, fazendo pressão até que ele recebesse o *habeas corpus* e fosse libertado (cf. OS MÉDICOS, 1935, p. 6). O governador do Rio Grande do Sul nesse período é Flores da Cunha, antiga liderança republicana e irmão do padrinho de seu pai. Ele pronuncia-se dizendo que não vai haver concessões para agentes políticos, como o líder da ANL, nomeadamente Dyonélio Machado (cf. PERMANECE, 1935, p. 1). A campanha denuncia então a “lei monstro” do governador, e essa pressão será uma das forças fundamentais no processo de sua libertação. Uma liberdade de curta duração, já que pouco tempo a Lei de Segurança Nacional seria decretada por Getúlio Vargas. Era a véspera do Estado Novo e o escritor posteriormente chegará a brincar que deve ter inaugurado a legislação repressora, já que seria preso imediatamente após sua publicação. Mesmo não tendo participado de qualquer insurreição, Dyonélio seria levado às prisões do Rio de Janeiro, onde amargaria dois anos sob o cárcere getulista.

Sua segunda libertação se dará junto com outras 300 vítimas de prisões injustas, feitas sem julgamento, num ato do ministro da justiça Macedo Soares que ficaria conhecido como a “Macedada”. E aqui temos outra descoberta interessante para compreensão do papel de destaque ocupado por Dyonélio Machado nesse período. O que poderia parecer como um gesto de piedade do ministro não deixa de ser resultado da pressão pública, pois encontramos denúncias feitas por deputados, que criticavam nas tribunas a situação das prisões do período. E nesses

discursos, o principal nome que surge é o de “Dr. Dyonélio”, cuja qualidade de caráter e inocência serve como exemplo de que as prisões estavam ocorrendo de maneira injusta e arbitrária (cf. PODER, 1937, p. 4).

Além disso, na visita do ministro para inspecionar as condições do cárcere, será o próprio Dr. Dyonélio Machado que lhe recebe junto com outros presos, buscando lhe apresentar o estado deplorável do chamado “cemitério dos vivos” (VISITA, 1937, p. 11). Ele ajudará ainda escrevendo um relatório, entregue ao ministro que só então viria a concretizar o gesto de libertação que será batizado seu nome (cf. A CÂMARA, 1937, p. 1).

Assim, esse conjunto de documentos registram a posição do escritor dentro de acontecimentos históricos desse período. De volta à Porto Alegre, somente meses depois, com o afastamento de Flores da Cunha do cargo de interventor do Estado, é que Dyonélio receberia anistia. Atua primeiro em um consultório na Galeria Chaves até ser reintegrado no cargo do Hospital São Pedro. Nesse momento então temos o registro de uma calorosa celebração, vinda da parte de seus colegas da comunidade médica (cf. TILL, 1995, p. 139-143).

Será depois da cassação de seu mandato como deputado pelo Partido Comunista, em 1947, que Dyonélio se dedicará com mais intensidade a sua atuação no Hospital São Pedro (HSP), chegando a ser diretor da instituição em 1956. Viajará ao Rio de Janeiro para conseguir verbas para reformas na instituição, efetivamente realizando melhorias e inaugurando novos pavilhões. É durante o exercício de seu mandato como diretor que começaria a funcionar o Curso de Especialização em Psiquiatria, que marcaria uma importante parceria entre o HSP e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, referência na especialização em psiquiatria com ênfase em psicanálise, para estudantes em nível superior de formação. Sua gestão será também responsável por desenvolver uma atuação mais humanitária no tratamento aos pacientes e internos, com aplicação de técnicas terapêuticas não farmacológicas.

Encontramos diversos registros de sua trajetória nesse período, como na ocasião em que se reuniu com o governador do Estado, indo ao Rio de Janeiro solicitar verbas federais para ampliação e reforma da instituição (cf. CONVÊNIO, 1958, p. 14). O anúncio da ampliação do HSP, que o faria o “maior hospital de alienados do continente”, com Dyonélio assinando o documento junto ao ministro Maurício de Medeiros (cf. O MAIOR, 1957, p. 6), o importante resgate da colônia agrícola do Hospital (cf. NO ALTO, 1958, p. 14) ou ainda sua participação como coordenador do III Congresso Médico-psicológico Ibero-Americano (cf. NA SEGUNDA, 1957, p.6), o que sugere sua relação com a pesquisa acadêmica na área de psicologia.

No fim da vida, Dyonélio receberia um Diploma de Honra ao Mérito da Secretaria de Saúde e Meio ambiente do Estado, como coroamento de sua atuação como médico e diretor do Hospital São Pedro. Como lembra Artur Madruga:

Uma pessoa extremamente comovida com as dores alheias. Um médico caritativo, capaz de embarcar num carro e ir ver um cliente nos confins do Judas, sabendo que essa pessoa não poderia pagar a consulta. Sempre foi o médico dos pobres. Os antigos funcionários do Hospital São Pedro têm adoração por ele. Atendia a todos – e aos familiares destes – gratuitamente. (...) A vida dele

sempre foi essa posição de fraternidade humana (MADRUGA, 1986, p. 33).

Nosso trajeto até aqui sugeriu caminhos para identificarmos o prestígio que Dyonélio Machado recebeu em sua atuação como médico e agente político. Mas em nossas pesquisas na Biblioteca Nacional, encontramos também outros exemplos bastante importantes para reconhecimento de seu êxito literário. Podemos iniciar esse indicativo comentando sobre essa posição de destaque que o escritor ocupava na cena literária sul-riograndense, pelo menos entre a publicação de *Os Ratos* e *O Louco do Cati*.

Em uma esquecida entrevista intitulada “Dyonélio Machado quebra seu silêncio”, publicada na *Revista do Globo* de 27 de janeiro de 1940 (MARTINS, 1940), temos a evidência indicativa do interesse que Dyonélio despertava, onde muitos ansiavam por notícias e um novo romance do escritor. Em mais um indicativo de sua ironia, nessa reportagem, Justino Martins comenta que enquanto faz a entrevista observa duas caricaturas de Dyonélio dispostas na parede do consultório e declara: “Por momentos, diante das caricaturas, tive a impressão de que o observado não era ele, mas eu. Pareceu-me que cada frase, que cada atitude minha era arrancada por ele, que talvez estivesse a estudar-me, utilizando sua grande experiência de psicólogo” (MARTINS, 1940, p. 45). Nessa reportagem encontramos algumas evidências do prestígio que recebia nas vésperas da publicação de *O Louco do Cati*: “Consegui que Dyonélio falasse sobre Literatura até esse ponto!” afirma Justino Martins (MARTINS, 1940, p. 45).

### 3 Aspectos esquecidos de sua recepção: 1940-1960

A partir do que viemos discutindo nas sessões anteriores, é possível passar ao diagnóstico de outro problema bastante evidente na historiografia sobre o autor. Trata-se da afirmação de que quase todas suas obras, à exceção de *Os Ratos* e *O Louco do Cati*, teriam recebido críticas negativas ou apenas sido ignorados. Pode-se indicar um primeiro passo no esclarecimento dessa situação, nos achados críticos publicados na recente edição de *Um pobre homem* (cf. MACHADO, 2017, p. 185-215). A fortuna crítica recuperada ali vai no sentido de mostrar que houve sim uma primeira recepção de sua literatura, e nem sempre negativa. O testemunho de Dyonélio sobre esse livro ia no sentido de dizer que seu texto “embuchou”, o que refere-se mais ao insucesso comercial do que as respostas críticas e reconhecimento para além de familiares e amigos (MACHADO, 1995, p. 21). Separando a questão do mercado editorial da questão da recepção crítica, não podemos dizer agora que sua obra tenha sido ignorada, já que houve intelectuais distantes de seu círculo que reconheceram o livro, conforme podemos reconhecer agora na reedição de *Um Pobre Homem*.

Em geral, a interpretação historiográfica a respeito da recepção de *Os ratos* ou *O Louco do Cati* apresenta-se melhor documentada. Sobre o primeiro, Grawunder (1997) afirma que “Apesar do reconhecimento e premiação do livro no centro do país, a crítica da Província não soube o que dizer desse corpo estranho às narrativas regionalistas” (1997, p. 81). Algo que indica a escassez, mas também não faz jus às críticas regionais positivas, como aquela que encontramos de autoria

de Érico Veríssimo, “A vida sem make-up” (cf. VERÍSSIMO, 1936, p. 4). O que a análise de Grawunder destaca é bastante indicativo, no entanto, da recepção de Moisés Vellinho, que recebe o livro com certa contrariedade (cf. VELLINHO, 1960, p. 69).

Será o mesmo crítico que, desancando *O Louco do Cati*, serve de parâmetro para o antagonismo que esta obra recebe no Estado. Mas é preciso destacar que, se no Rio Grande do Sul este segundo romance (publicado pela primeira vez em 1942) teve essa resposta crítica negativa, em outras regiões o livro foi recebido positivamente, tais como os registros manifestados por Mário de Andrade e Guimarães Rosa (cf. GRAWUNDER, 1997, p. 84-87). Não se pode negar que essa obra causa mesmo certo estranhamento na época, como se alguns críticos não soubessem bem como interpretá-lo. O que não quer dizer que não o valorizaram: “Difícil, na verdade, explicar nessas poucas linhas, o romance de Dionélio Machado. Somente lendo-o, pode-se compreendê-lo em toda a sua beleza – tão diferente de ‘Os Ratos’ e, mesmo assim, tão cheio da personalidade vigorosa do escritor” (LIVROS, 1942, p. 7).

O caso da recepção de *Desolação*, (1ª edição em 1944) e *Passos perdidos* (1ª edição em 1946), no entanto, pedem um pouco mais de atenção, dado que uma possível ausência de recepção foi utilizada como interpretação para seu ostracismo posterior. Do primeiro, encontramos a afirmação de que “Opiniões sobre *Desolação* surgiram só na década de 70” enquanto do segundo é indicado que “Esse foi mais um livro ignorado pela crítica” (GRAWUNDER, 1997, p. 69 e p. 86). Essa relação parece se confirmar pelas próprias declarações de Dyonélio, nas quais reflete sua percepção sobre os acontecimentos de exclusão literária.

É um fato incontornável que migrou das editoras gaúchas para as do centro do país, o que pode sugerir um boicote editorial regional. Mas quanto a não ter recebido críticas, devemos agora avaliar se seria correto ainda manter essa afirmação. O que não muda o fato que as críticas que mostraremos não tenham chegado a sua percepção, levando a tais declarações. Além disso, na historiografia tal interpretação era confirmada pela ausência de documentação no ALDM, já que as evidências que apresentamos estavam indisponíveis até então.

Publicado *Desolação*, encontramos, por exemplo, o comentário no periódico *Carioca*, edição de 18 de novembro de 1944 (MOVIMENTO, 1944, p. 9): “Dyonélio Machado é um valor que se afirma de maneira sólida, tem imaginação e escreve bem. O leitor se interessa pela história que conta e nessa há passagem dignas da pena dos melhores escritores”. Esse mesmo livro garante a comparação, por parte de Mário da Silva Brito, de Dyonélio a um relojoeiro suíço, elogiando-o por ser “um Paganini do detalhe” e “um catador de pulgas da literatura introspectiva”:

Se o relojoeiro suíço escrevesse (...) ele haveria de seguir exatamente o mesmo processo do intelectual gaúcho (...) Com *Desolação*, convenço-me de que o escritor gaúcho é incapaz de qualquer transigência com o chamado gosto comum. E vejo que Dyonélio Machado age tão somente em obediência às suas convicções artísticas, levado por um desejo de superar-se e, dessa forma, contribuir para um melhor padrão literário do romance brasileiro. (BRITO, 1944, p.7)

Encontramos também, no *Correio Paulistano* de 7 de janeiro de 1945: “Dyonélio Machado tira todo partido do tema, produzindo um romance impressionante, que a crítica discutirá largamente” (SANT’ANA, 1945, p. 22). E ainda sobre *Desolação*, temos a resenha “Livros do dia”, na qual é comparado com autores do calibre de Virginia Woolf, Steinbeck e Faulkner, para em seguida ser assim exaltado: “Dyonélio Machado, escrevendo ‘Desolação’, sem dúvida alguma o romance mais significativo do ano que acabou de morrer, reafirmaria o predomínio do conflito sobre a simples fixação do ambiente” (LIVROS, 1945, p. 3).

Quando *Passos perdidos* é publicado, temos no *Correio Paulistano* de 2 de fevereiro de 1947 a resenha “Romance Revolucionário”, de autoria do destacado historiador Nelson Werneck Sodré, que analisa o livro junto com *Seara vermelha*, de Jorge Amado, que não teria as mesmas virtudes no trato do tema político que o crítico detecta na obra de Dyonélio.

Em momento algum do seu trabalho literário, dos mais meritórios e dos qualitativamente mais destacados que o Brasil conhece, a tendência para introspecção ficou esquecida (...). É interessante notar como tal característica, numa personalidade formada e inteiriça como a do sr. Dyonélio Machado, vem desmentir a apressada discriminação que deseja ver a ficção introspectiva no quadro burguês, enquanto põe a narração direta e objetiva no quadro revolucionário. (...) É este, sem dúvida, um livro excelente, a respeito de um revolucionário, num clima revolucionário. (SODRÉ, 1947, p.10)

Temos também na revista *Leitura* de janeiro de 1948, o artigo “Velho problema da prostituição”, da autoria de J. Gonçalves Thomaz, onde lemos: “Este é o grande passo de Dyonélio Machado com seus últimos livros, passos que já consolidaram a sua obra, colocando-a no lugar que deve mesmo estar, isto é, na vanguarda da moderna literatura brasileira” (THOMAZ, 1948, p. 15).

Esses são alguns dos exemplos disponíveis, de uma recepção no momento em que foram editadas as obras, o que indica que foram divulgadas e analisadas em veículos do eixo Rio-São Paulo. Por conseguinte, não se pode afirmar mais que “A crítica parece ter sido totalmente omissa em relação a esses livros” (GRAWUNDER, 1997, p. 86), interpretação limitada apenas ao conjunto de evidências disponíveis no ALDM até então.

Os registros que apresentamos revelam modos de reconhecimento do prestígio que o autor recebia, pelo menos até meados da década de 1940. Ainda que houvesse dificuldades editoriais ou mesmo má vontade de certa crítica regional, sua figura causava uma grande impressão no centro do país. “Durante a semana do Congresso, o gaúcho Dyonélio Machado, que quase ninguém conhecia pessoalmente e que muita gente imaginava esquivo e solitário, dividiu os espinhosos trabalhos da presidência” (MARTINS, 1945, p.2).

Não é demais lembrar que nesse período Dyonélio Machado ganhará o Prêmio Felipe D’Oliveira por *Desolação*, sendo festejado pela crítica, como se pode notar na entrevista dada ao jornal *A Manhã* de 15 de abril de 1945, em que o autor é entrevistado por Lêdo Ivo sobre sua obra (cf. IVO, 1945, p.15). Assim, podemos notar que o autor despertava muito interesse por seu projeto literário e seu

histórico enquanto agente político, não se podendo dizer que era esquecido e ignorado. Há então a cassação de seu mandato de deputado estadual em 1947, o que parece ser determinante para o recolhimento das próximas décadas.

Até o ano de 1955 pelo menos irá trabalhar na produção do manuscrito de *Deuses econômicos*, se dedicando a revisitar os grandes textos da Antiguidade e a produzir o primeiro livro de sua *Trilogia Romana*. É o início da chamada “fase de marginalização” (ALBÉ, 1989, p. 92), e ainda assim encontramos alguns indicativos de que ainda assim Dyonélio não havia sido totalmente esquecido. Quando da conclusão do romance, encontramos uma entrevista no *Diário de Notícias* de 6 de março de 1955, em que Dyonélio Machado parece apresentar pela primeira vez seu projeto ao público (cf. CARDOSO, 1955). *Deuses Econômicos* é descrito como “magistral” por Lycurgo Cardoso, que apresenta Dyonélio como professor especialista no assunto, definindo-o como “helenista”, termo bastante apropriado e raramente utilizado pela crítica para o representar (CARDOSO, 1955, p.1). O tom altamente elogioso dessa entrevista indica que essa obra também teria sido acolhida por alguns críticos que tiveram contato com ela naquele tempo. Seu livro seria anunciado como concluído na coluna Presença da Província, do jornal *Tribuna da Imprensa*, edição de 17-18 de março de 1956 (cf. PRESENÇA, 1956, p. 1-14).

Algo que sugere uma dificuldade para as narrativas historiográficas que afirmam que foi boicotado editorialmente. Nos dez anos em que se dedica à produção de *Deuses Econômicos*, Dyonélio aparentemente não possui nenhum original que pudesse publicar<sup>3</sup>. Nesse sentido, não seria historicamente rigoroso afirmar que de 1946 até 1955 (ou seja, a década após a publicação de seu último romance), tenha havido algum boicote editorial de fato. Algo que se efetivará somente depois, quando *Deuses Econômicos* enfim é concluído e será rejeitado pela Livraria do Globo (e talvez outras).

Já na década de 1950, temos Dyonélio sendo procurado por um repórter em visita ao Estado, na reportagem “Uma viagem curiosa”, da edição de 1956 da *Revista da Semana* (cf. DAMATA, 1956, p. 28-29). Gasparino Damata tem interesse em o encontrar, assim como a outros grandes escritores da região, mas acaba não o localizando. Já na edição de 20 de setembro de 1959 do jornal *Última Hora*, Dyonélio é procurado para um depoimento sobre a pena de morte, no qual declara: “Ela não deveria existir – disse. E por uma velha razão: o erro judiciário é cabível em todos os casos, o que impede, em relação à pena capital, a sua correção. É frequente mesmo, vemos processos de reabilitação de inocentes condenados” (SORO, 1959, p.9).

Não podemos negar que seu novo projeto literário não foi inicialmente aceito pela editora do Globo, o que talvez levaria Dyonélio a desistência de procurar publicação na década subsequente. Mas vimos que é justamente nesse período, em que é visto como “proscrito literário” mas não deixa de ser procurado por repórteres, que acontecerá em simultâneo a sua atuação como diretor do maior hospital da região sul do país, chegando a ser representante do governador

---

<sup>3</sup> Uma exceção seria *O Estadista*, primeiro romance escrito. Mas ao longo de sua vida o escritor nunca demonstrou interesse em publicá-lo, o que pode ser recuperado nas correspondências da década de 1970 em que enumera seus inéditos.

do Estado junto ao Ministério da Saúde Federal, e concretizando imensas realizações na instituição em que era diretor.

Já no início da década de 1960 temos outros exemplos de como não estava esquecido pela memória coletiva durante a “fase de marginalização” ou “esquecimento”. Encontramos quatro anos antes do importante resgate de Carlos Appel (no ano de 1965), uma referência ao autor no que diz respeito à mistura entre realismo e interioridade, indicando-se que Dyonélio Machado deveria ser mais lembrado: “No Brasil, lembramos, a respeito, o nome injustamente esquecido de Dyonélio Machado” (CARPEAUX, 1960, p. 11).

Quando enfim da primeira edição de *Deuses econômicos* em 1966, já há bastante rumor contra seu esquecimento, como em “Literatura e coragem de escrever e editar”, em que temos o testemunho de Cyro Martins (cf. JACQUES, 1966, p.5). E ainda, na coluna “Humilhados e luminosos”, de Antônio Carlos Villaça, Dyonélio é lembrado junto a um conjunto de outros escritores esquecidos injustamente (cf. VILLAÇA, 1969, p. 4). Mas a primeira edição de *Deuses econômicos* não agrada a Dyonélio, que irá renegar a edição e recolher os livros que consegue. Esse fato marca uma nova década sem edição, antes do “resgate editorial” que ocorre em meados de 1970.

Algo que nos leva ao centro da questão da “redescoberta”, em um depoimento trazido por Wilson Martins. Para o crítico, o escritor nunca teria deixado de ser lembrado como referência, por escritores e intelectuais, além de possuir seu público leitor garantido.

Redescobri-lo, apresentá-lo como escritor desconhecido, corresponde a ignorar a história literária recente, pois, se houve romancista largamente louvado e até supervalorizado no esplendor do realismo socialista foi certamente ele. Na década de 70, os seus livros só parecem atuais e oportunos porque se enquadravam, para surpresa dos que, de fato, jamais tinham ouvido falar nele, na corrente de restauração do romance político e ideológico (MARTINS, 1980, p. 11).

O crítico dirá ainda, em “Questão de embocadura”, que nas décadas de 1930-1940 Dyonélio foi imensamente celebrado como romancista de esquerda: “Dyonélio tem o seu lugar na história do nosso romance, o que não quer dizer que a história do romance esteja errada por não lhe atribuir, na década de 70-80, o mesmo destaque com que o distinguia meio século antes” (MARTINS, 1981, p. 11). Isso parece evidenciar certa grandeza de estima por sua literatura, assim como reconhecimento de sua atuação política e médica, o que não altera o fato de que essa valorização talvez não chegasse a sua percepção individual, e nem ficou registrada no Arquivo Literário Dyonélio Machado. Uma ausência documental que se refletiu nos modos de representação da historiografia até aqui.

### **Considerações finais**

Como pudemos perceber no percurso até aqui, as descobertas vindas da Biblioteca Nacional relativizam algumas interpretações documentais mais disseminadas na crítica acadêmica, como ausências de crítica, seu esquecimento

pelo público, e mesmo o que chamamos de sua “redescoberta”. Não podemos negar que aquilo que se deu como sua revalorização a partir dos anos 1960, avançando nas décadas de 1970 e 1980, foi fundamental para que as discussões a seu respeito ganhassem mais espaço, levando às reedições de inéditos seus ainda em vida. E, além disso, que aquilo que se deu como sua “redescoberta” foi algo absorvido pelo próprio autor, se refletindo em sua própria produção literária final, nominalmente em *Fada* (MACHADO, 1982b). Assim, é inegável o valor da interpretação historiográfica primeiro indicada por Maria Helena Albé e desenvolvida no estudo documental feito por Maria Zenilda Grawunder a respeito do ALDM, em que se sugerem as fases de sua trajetória literária (cf. ALBÉ, 1983, p.92-94).

Mas como vimos, na ausência de outros indícios, essas interpretações se alicerçaram no testemunho do próprio Dyonélio Machado, o que vincula a análise com sua própria percepção tardia, como tendo vivido inúmeros insucessos. Seu testemunho se somou a interpretação documental, por sua vez limitada aos documentos disponíveis no Arquivo Literário Dyonélio Machado. Com isso foi construída retroativamente uma interpretação bastante plausível, dada a repetição da tematização do esquecimento, das perseguições, boicotes, etc. própria da curiosidade do período “redescoberta”. Essas representações como vítima se destacam por uma predominância estatística no arquivo (pouquíssimos são os registros antes dos anos 1960), uma repetição que acaba matizando mesmo o retrato dos períodos passados. Mas um caminho alternativo pode ser proposto a partir de outros rastros, sugerindo-se que a historiografia produzida sobre o autor busque retratar cada período em seu recorte temporal específico (o Dyonélio dos anos 1910 ou da década de 1930, por exemplo), de maneira que cada momento seja considerado dentro de seu próprio horizonte de expectativa.

Uma solução bastante razoável também é adotar a separação entre memória individual, memória coletiva e memória histórica, proposta por Paul Ricoeur (2007). Assim, primeiro podemos distinguir no acontecimento aquilo que é a significação das vivências feitas pelo autor, o modo como relatou aquilo que vivenciou no testemunho, daquilo que são os materiais vindos da memória coletiva. Tal estratégia permitiria que respeitássemos a memória individual do autor ao mesmo tempo em que escutemos outros agentes envolvidos, de maneira que também se valorize a crítica e o público que validavam suas iniciativas.

A seguir, notemos a distinção entre memória coletiva e memória histórica. Por via da compilação e interpretação objetiva dos materiais disponíveis, situando-os dentro de sua escala temporal e relacionando os acontecimentos com conhecimentos científicos (vindos de análises estatísticas, sociológicas, geográficas, etc), é possível a construção da coesão de uma memória histórica, que soma e revisa as dispersões e contradições da memória coletiva, na forma de um discurso que busca representar de maneira mais verídica o passado.

É responsabilidade dos pesquisadores interessados em narrar com fidelidade a trajetória do autor, o trabalho de confronto e desenvolvimento de uma memória coletiva justa, por via do (re)ingresso nela de matérias vindas de fontes possivelmente desconhecidas ao público. É só ao final de um longo processo de rememoração pública, que a memória histórica permitirá seu objeto de estudo situar-se em posição pacífica na memória coletiva, cessando de instigá-la em suas contradições e incoerências históricas.

Tal procedimento de transformação da memória coletiva é visível mesmo na “redescoberta” de Dyonélio, pois segundo Maria Helena Albé (1983, p. 90) foi sob efeito de um meta-discurso do reconhecimento literário, construído pela crítica que clamava por uma recuperação histórica, que sua legitimação na instituição literária acaba por ocorrer. Esse metadiscorso de “redescoberta” se desenvolve no entrecruzamento do testemunho de Dyonélio, nas entrevistas dadas predominantemente nos anos 1970, com as cobranças vindas da crítica quanto ao esquecimento do público. Um exemplo de como um trabalho de resgate histórico pode confrontar a dispersão da memória coletiva, no jogo de reconfiguração historiográfica.

A sugestão de um metadiscorso que dinamiza uma resposta na memória coletiva permite indicar como o trabalho de rememoração pode renovar a retórica de temas e conteúdos pertinentes a historiografia do escritor, de maneira a oferecer condições para que o trabalho de rememoração e celebração pública se renove na memória coletiva. Se ficarmos presos às dificuldades descritas no contexto dos anos 1970, esquecemos, por exemplo, de destacar o caráter irônico que Dyonélio parecia cultivar nas primeiras décadas de sua trajetória literária. Ironia que é fundamental para explorar os múltiplos sentidos da obra do autor, já que obras como *O Louco do Cati* ou *Deuses Econômicos* ganham todo outro horizonte crítico quando lidas ironicamente. É a ironia mesmo que permite afastar a correlação biografista, vê o reflexo de sua vida em sua obra<sup>4</sup>.

O grande objetivo daquele que se preocupa com a justiça para com a memória histórica de Dyonélio Machado, deve ser levar em consideração também o sucesso que obteve, e a estima e o respeito vindos daqueles que o celebravam. Narrar a história pelo viés dos antagonistas ou dos esquecimentos, como se o escritor fosse uma vítima, faz com que os aspectos negativos se perpetuem e tenham prioridade, o que não é justo para o reconhecimento das potencialidades do escritor. Sua literatura é muito mais do que o registro de uma vítima traumatizada ou ressentida, que buscou lidar com seus infortúnios através da literatura. Dyonélio se mostrava como teimoso, estoico, resiliente, e sua personalidade irônica e dialética, quase que socrática, parece exigir novas formas de representação por parte da historiografia.

Dyonélio hoje possui seu público e seu espaço cada vez mais assegurado, mas é possível reconhecer alguns esquecimentos, dignos de instigação por parte da memória histórica. Recuperando testemunhos ou modos de percepção, analisando-os no próprio contexto e dividindo em categorias, encontramos aspectos potenciais para o desenvolvimento de uma retórica que confronta o material até então sedimentado na memória coletiva, e mesmo na memória histórica acadêmica. Através do contraste entre documentos e interpretações, buscamos apontar para o desenvolvimento de uma imagem mais fiel de Dyonélio Machado e sua obra.

Encerremos nosso artigo com exemplos de uma retórica histórica que pode ajudar na celebração, de maneira a permitir que esse modo de percepção também se faça presente. Um ótimo exemplo na construção de uma historiografia que

---

<sup>4</sup> Para uma análise da amplitude da ironia dyoneliana, e sua capacidade de desfazer as análises biografistas, na relação entre sua vida e obra, ver: *As ironias de Dyonélio em O Louco do Cati*, (DORNELLES, 2019) e *Dyonélio Machado: perspectivas para o estudo de sua vida e obra*, (DORNELLES, 2020).

exalte os sucessos do autor é a obra de Rodrigues Till, *Dyonélio Machado: o homem – a obra* (1995), em que é possível reconhecer a retórica de elogio à “estrela solitária dos pampas”. Leo Gilson Ribeiro afirmará que Dyonélio é perfeito, “no estilo, na modéstia e no pudor” (RIBEIRO, 1979, p. 7). Dhynarte de Borba e Albuquerque, que Dyonélio é um dos quatro clássicos da literatura gaúcha, ao lado de Simões Lopes Neto, Mário Quintana e Érico Veríssimo (1999, p. 3), o que sem dúvida situa nosso autor em uma espécie de cânone da região sul. Algo que lembra a afirmação de Danilo Ucha “Dyonélio é perene” (1979, p. 4-5).

Poderíamos seguir enumerando elogios, mas com esses indicativos de uma retórica da celebração, acreditamos ter apontado para um caminho distante da percepção de um escritor ressentido ou traumatizado. Por mais contrariados que fiquem seus antagonistas, o escritor possui enfim um espaço garantido dentro da memória coletiva. Que cada vez mais essa comunidade, que sempre reconheceu suas qualidades, também conte sua história e nos forneça suas percepções para a memória histórica sobre Dyonélio Machado. Que seu público se afirme cada vez mais, sobre os esquecimentos e boicotes vindos de seus detratores. Para esses, Dr. Dyonélio já nos daria o conselho historiográfico de Dante: “non ragioniam di lor, ma guarda e passa” (MACHADO, 1995, p. 32)<sup>5</sup>.

---

## Referências

---

*Archivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, 1931.

A CÂMARA dos deputados contra prorrogação do estado de guerra. *Diário de Pernambuco*. Recife. Ano 112, n. 178, p. 1, 10 jun 1937.

AGUIAR, Vera Teixeira de; RAABE, Camilo Mattar; COLONETTI, Milton Roberto; PICCINI, Maurício da Silveira. *Com a palavra, Dyonelio Machado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. *E-book*.

ALBÉ, Maria Helena. *Uma leitura de Os ratos de Dyonelio Machado*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia – Inferno*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

APPEL, Carlos Jorge. “Literatura Gaúcha 1964”. In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 jun. 1965, p. 16 e 24.

BARBOSA, Márcia Helena Saldanha; GRAWUNDER, Maria Zenilda (org.). *Dyonelio Machado*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1995.

BRITO, Mário da Silva. “O relojoeiro suíço”. *Correio Paulistano*, Ano 91, n. 27.206, p. 7, 26 nov. 1944.

---

<sup>5</sup> A citação, bastante repetida por Dyonélio em cartas e entrevistas, é a última frase da seguinte estrofe (tradução de Italo Eugenio Mauro): “Lembrança deles o mundo rechaça/ misericórdia, e justiça, os ignora/ deles não cuides mais, mas olha e passa” (DANTE, 1998, p.39)

CARDOSO, Lycurgo. "A disseminação cultural representa uma alavanca de destruição porque faz pensar". *Diário de Notícias*, Porto Alegre, ano 31, n. 1, Terceiro Caderno p. 1-14, 6 mar. 1955.

CARPEAUX, Otto Maria. "Cony e o realismo". *Leitura*. Rio de Janeiro, ano 19, núm. 42, p.11, dez. 1960.

CARPEAUX, Otto Maria. "Reflexos do Brasil". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 64, n. 21.962, Segundo caderno p. 3, 7 nov. 1964.

CARVALHO, Augusto de. "Bandido". *A Federação*, Porto Alegre, ano 42, n. 211, p.3, 11 set. 1925.

CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. A fundação da primeira sociedade brasileira especializada em medicina mental. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 51-66, jan-jun 2016.

CONFRATERNIZAÇÃO intelectual. *O Estado*, Florianópolis, ano 12, n. 3689, p.1, 21 set. 1926.

"CONVÊNIO entre Estado e União para atender o problema psiquiátrico". *Diário de Notícias*, Porto Alegre, ano 34, núm. 234, p.14, 4 dez 1958.

DAMATA, Gasparino. "Uma viagem curiosa". *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano 57, n. 44, p. 28-29, 3 nov. 1956.

DORNELLES, Jonas. *As ironias de Dyonélio em O Louco do Cati*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Curso e discurso da obra de Dyonelio Machado*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1989.

GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição literária: análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1997.

IVO, Ledo. "Hora e meia com Dyonélio Machado, prêmio 'Felipe D'Oliveira'". *A Manhã*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1.129, p. 15, 15 abr. 1945.

JACQUES, Eunice. "Literatura e coragem de escrever e editar". *Jornal do Brasil*, ano 75, n. 253, Caderno B p. 5, 27 out. 1966.

LIVROS do dia. *A manhã*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 255, p. 7, 9 jun. 1942.

LIVROS do dia. *A manhã*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1.048, p. 3, 7 jan. 1945.

MACHADO, Dyonélio. "Resposta... violenta". *Máscara*. Porto Alegre, ano II, n. XXII, 12 jul 1919a.

MACHADO, Dyonélio. "Um secreto temor". *Máscara*. Porto Alegre, ano II, n. XXIX, 23 ago 1919b.

MACHADO, Dyonélio. "Sport". In: *Gazeta Alegretense*, Alegrete, 30 jun. de 1915. Zum Zum da Capital. Paginação Irregular.

MACHADO, Dyonelio. *Passos perdidos*. São Paulo: Editora Moderna, 1982a.

- MACHADO, Dyonélio. *Fada*. São Paulo: Moderna, 1982b.
- MACHADO, Dyonélio. *O cheiro de coisa viva*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.
- MACHADO, Dyonélio. *O Louco do Cati*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.
- MACHADO, Dyonélio. *Desolação*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.
- MACHADO, Dyonélio. *Proscritos*. Brasília: Siglaviva, 2014.
- MACHADO, Dyonélio. *Um pobre homem*. Brasília: Siglaviva, 2017.
- MACHADO, Dyonélio. *Fada*. Porto Alegre: Zouk, 2021.
- MADRUGA, Artur. *Dyonelio Machado*. Porto Alegre: Tchê, 1986.
- MARTINS, Justino. "Dyonélio Machado quebra seu silêncio". *Revista do Globo*. Porto Alegre, 27 jan. 1940. p. 44-58.
- MARTINS, Wilson. "A ficção menor (I)". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano 90, n. 357, Caderno B p.11, 4 abr. 1981.
- MARTINS, Wilson. "Situação do romance (I)". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 90, n. 95, Caderno B p. 11, 12 jul. 1980.
- MOVIMENTO Literário. *Carioca*. Rio de Janeiro, Ano 10, n. 476, p.9, 18 nov. 1944.
- NO ALTO de Petrópolis há uma cidade diferente. *Diário de notícias*. Porto Alegre, ano XXXIV, num. 123, p. 14, 26 jul. 1958
- NA SEGUNDA quinzena de agosto o III Congresso Médico-psicológico. *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 10.957, p. 14, 3 ago. 1958.
- O MAIOR hospital de alienados do continente. *A Noite*. Rio de Janeiro, ano XLVI, n. 15.793, p.14, 11 dez. 1957.
- OS MÉDICOS querem a liberdade do Sr. Dyonélio Machado. *A Manhã*. Rio de Janeiro. Ano 1, n. 152, p.6, 18 out 1935.
- PERMANECE agitada a situação nacional. *A Gazeta*. Florianópolis. n. 273, p.1, 20 jul 1935.
- PODER legislativo. *Correio da manhã*. Rio de Janeiro. p. 4, 4 abr 1937.
- PRESENÇA da Província. "Notícias do Rio Grande do Sul". *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 1.890, Segundo Caderno p.7, 17-18 mar. 1956.
- RAABE, Camilo Mattar. *Nos domínios de Terceira vigília: criação literária e edição crítico-genética de romance inédito de Dyonélio Machado*. 2020. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: PUCRS, 2020.
- RIBEIRO, Leo Gilson. Perfeito. No estilo, na modéstia e no pudor. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Jornal da Tarde, p. 7, 31 mar. 1979.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Unicamp, 2007.

- SANT'ANA, Nuto. "Livros novos". *Correio Paulistano*, ano 91, n. 27.239, p. 22, 7 jan. 1945.
- SOARES, Epitácio. "O Louco do Cati". *Diário de Pernambuco*, ano 138, n.99, Segundo caderno p.2, 21 mai. 1963.
- SODRÉ, Nelson Werneck. "Romance revolucionário". *Correio Paulistano*, ano 93, n. 27.864, p. 10, 2 fev. 1947.
- "SORO da Verdade! Última chance de Chessman para provar sua inocência!". *Última Hora*, São Paulo (ed. regional Paraná), ano 8, n. 2.295, p. 9, 30 set. 1959.
- THOMAZ, J. Gonçalves. "Velho problema da prostituição". *Leitura*, Rio de Janeiro, ano 6, número 46, p. 15, jan. 1948.
- TILL, Rodrigues. *Dyonelio Machado: o homem, a obra*. Porto Alegre: E.R.T., 1995.
- UCHA, Danilo. Dyonelio, o perene. *Zero Hora*, Porto Alegre, Revista ZH, p. 4-5, 19 ago. 1979. (ou 14-15? pgs)
- VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960.
- VERÍSSIMO, Érico. "A vida sem make-up". *Diário de Notícias*. Porto Alegre, ano XI, n. 324, p. 4. 15 fev 1936.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. "Humilhados e luminosos". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 69, n. 23.408, p.4, 8 ago. 1969.
- VISITA do Sr. Ministro da Justiça às casas de detenção e correção. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Ano 47, n. 132, p.11, 8 jun 1937.
- WEISS, Eduardo. *Elementos de psicanálise*. Porto Alegre, Editora do Globo, 1934.

---

### Para citar este artigo

---

DORNELLES, Jonas Kunzler Moreira. À memória de Dyonélio Machado: algumas descobertas arquivísticas na Biblioteca Nacional. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1409-1429, nov.-dez. 2021.

---

### O autor

---

**Jonas Kunzler Moreira Dornelles** é doutorando em Teoria da Literatura (PUCRS, 2024), com bolsa CNPq. Mestre na linha de pesquisa de Teoria, Crítica e Comparatismo (UFRGS, 2019). Mestre na linha de pesquisa Literatura, História e Memória (PUCRS, 2020), onde também foi bolsista CNPq. É licenciado em Letras (UFRGS, 2014), e cursa também bacharelado em Filosofia (UFRGS, 2023). Desenvolve estudos interdisciplinares entre Filosofia e Teoria da Literatura, e é pesquisador de literatura sul-riograndense. Tem se dedicado há alguns anos a reconfigurar as análises em torno da memória literária do escritor Dyonélio Machado, tendo ganhado o prêmio da Academia Riograndense de Letras, em 2020, por seu trabalho "As ironias de Dyonélio Machado em O Louco do Cati".